



## **Jornalismo literário: gêneros, características narrativas e contribuições para a imprensa escrita<sup>1</sup>**

Andresa Caroline Lopes de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Plínio Marcos Volponi LEAL<sup>3</sup>

Fundação Educacional de Fernandópolis, Fernandópolis, SP

### **RESUMO**

Jornalismo e literatura aproximaram-se e se afastaram durante períodos de transformação na imprensa. Em oposição ao modelo de padronização jornalística norte-americano, o *new journalism*, apresentou uma possível fuga às amarras textuais da imprensa através de gêneros como o romance-reportagem e o livro-reportagem. Esse estudo tem como objetivo refletir por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre as principais particularidades dos gêneros romance-reportagem e livro-reportagem em aspectos temáticos, narrativos e sobre suas contribuições para a cobertura jornalística em tempos de Internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; *new journalism*; romance-reportagem; livro-reportagem; internet.

### **INTRODUÇÃO**

A literatura distingue-se do jornalismo por trabalhar com o campo da imaginação, ou seja, a ficção. Nesse sentido, mesmo que as obras literárias tragam recortes da realidade como foi a característica da vertente realista, o enredo não trata-se de um fato em si.

O jornalismo, por outro lado, caracteriza-se por uma atividade que lida com factualidade. Para Bulhões (2007, p. 11) “Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade”.

Na literatura, a linguagem é fundamental, uma vez que só existe uma obra literária a partir de uma narrativa. No jornalismo, o acontecimento é a matéria primordial, pois, sem fatos não há atividade jornalística.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup>Recém-Graduada em Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo pela Fundação Educacional de Fernandópolis, email: [andresaoliveira.carol84@gmail.com](mailto:andresaoliveira.carol84@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutorando em Estudos Linguísticos, Mestre em Comunicação e Professor do Curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo da Fundação Educacional de Fernandópolis, email: [pliniovlpni@gmail.com](mailto:pliniovlpni@gmail.com)



De acordo com o quadro evolutivo de Filho (2009), literatura e jornalismo apresentaram fronteiras híbridas em duas fases: a primeira de 1631 a 1789, chamada de Primeiro Jornalismo; e de 1830 a 1900, Segundo Jornalismo. Essas foram épocas em que os dois gêneros marcaram forte presença na imprensa escrita mundial.

Em 1900, a transformação do jornalismo em um produto, por meio da monopolização das casas de imprensa, o aumento do número de tiragens e a tendência da comercialização fizeram com que os jornais afastassem-se do fazer literário, o que não se limitou apenas a retirada de contos, poesias e dos Folhetins. Este contexto, fez com que a linguagem rebuscada dos jornais fosse adaptada para um estilo textual mais objetivo e “enxuto”, adotado mesmo que tardiamente no Brasil, sob influência norte-americana.

Com o advento da Internet e das novas tecnologias, a sociedade vive em um cotidiano pautado pela rapidez de transmissão de informações. Em meio a vários sites informativos, os jornais tentam sobreviver na era digital. Para isso, procuram oferecer o máximo de notícias em suas páginas de maneira sucinta e objetiva.

Nesse contexto, alguns temas não são noticiados de modo abrangente com contextualização e profundidade. Dessa forma, o jornalismo literário e seus gêneros como o romance-reportagem e livro-reportagem apresentam-se como possíveis alternativas para que jornalistas preencham lacunas deixadas pela imprensa cotidiana, com o atrativo da narrativa literária.

Esse trabalho tem como objetivo refletir por meio de uma pesquisa bibliográfica aliada à obras do jornalismo literário, sobre as principais particularidades dos gêneros romance-reportagem e livro-reportagem em aspectos temáticos, narrativos e suas contribuições para a cobertura jornalística em tempos de Internet.

## **1. JORNALISMO LITERÁRIO**

Embora sejam dois gêneros distintos, jornalismo e literatura sempre mantiveram uma relação bem próxima nos periódicos. Ao invés de notícias, os primeiros jornais traziam em suas páginas artigos, ensaios, contos e poesias. Segundo Belo (2006, p.19), “A distinção entre jornalismo e literatura, hoje muito clara, não estava de todo estabelecida”.



Nos séculos XVIII e XIX, a literatura marcou presença fundamental nos jornais franceses por meio dos chamados Folhetins, que eram escritos por grandes escritores e romancistas. As histórias tinham continuidade a cada nova edição, assim como as atuais telenovelas. Durante muito tempo, o gênero foi o principal meio de entretenimento na França e também no Brasil, originando novas narrativas para a fotografia, o cinema e a televisão a partir do século XX.

O folhetim será, pois, a matriz primordial das narrativas seriadas de consumo de massa, o que compreenderá no século XX a fotonovela, o cinema narrativo e a teledramaturgia. O folhetim produziu uma estratégia típica do entretenimento popular: a suspensão da narrativa no momento do clímax, no instante em que o vilão aciona o gatilho. “*Continua amanhã, leitor*” é a senha para adiarmos indefinidamente nossa busca de mais uma ração diária de fantasia. (BULHÕES, 2007, p. 32).

Todavia, a relação entre jornalismo e literatura não aconteceu apenas nos Folhetins. Aos poucos o romance também foi se munindo de técnicas jornalísticas para descrever o contexto da época e o que realmente acontecia na sociedade. Assim como a Europa, o Brasil foi influenciado pelo novo modo de se fazer literatura.

De acordo com Cereja e Magalhães (1995), a literatura brasileira da década de 1930 vivia as transformações trazidas pelo Modernismo de 1929. Os efeitos recaíram sobre a forma de fazer literatura, que a partir desse momento buscou desnudar, com o Romance Realista Regional, o Brasil que ninguém conhecia.

Na década de 30, enquanto o rádio, o mais moderno meio de comunicação de massa da época, encurtava as distâncias, aproximando o país de ponta a ponta, nossa prosa de ficção, com renovada força criadora, nos punha em contato com um Brasil pouco conhecido. Por meio de autores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo e tantos outros, a literatura mostra o homem como alicerces de cada uma das diversas áreas socioeconômicas do país, mas quase sempre em luta desigual com ela. (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 343).

Para a literatura conseguir o feito de trazer a realidade para a ficção, precisou recorrer a alguns atributos da atividade jornalística. No Romance Realista, a descrição da realidade é configurada como um recurso jornalístico que foi adotado como pano de fundo para as obras ficcionais.

Um exemplo disso pode ser encontrado no livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no qual o autor expõe a realidade dos retirantes nordestinos que fugiram da seca e da miséria aventurando-se rumo às grandes cidades.



Na Europa, *Madame Bovary* de Gustave Flaubert foi uma das principais obras do novo encontro entre jornalismo e literatura, mas que dessa vez se deu nas páginas dos livros e não dos jornais.

Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem- com sabor literário-dos episódios sociais, e a incorporação de estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 2004, p. 178).

De acordo com Lima (2004), os novos fatores tecnológicos e a industrialização fariam o jornalismo se tornar um produto, dessa forma exigindo distanciamento da literatura em busca de objetividade e precisão.

Enquanto na Europa o jornalismo e a literatura se encontravam rotineiramente- seja nos jornais, através dos Folhetins, ou nos romances- a imprensa norte-americana buscava uma maneira de distinguir bem o lugar de cada um pela busca da factualidade no jornalismo. Dessa forma, a literatura ia sendo abolida paulatinamente das páginas dos jornais com as notícias e mais tarde pelo que receberia o nome de reportagem, gênero praticado em revistas como *Life e Esquire*.

A tradição do jornalismo europeu sempre foi muito diferente do padrão norte-americano. O emprego maciço da pirâmide invertida (enumeração dos fatos por ordem decrescente de importância) e do *lead* (parágrafo inicial da reportagem, no qual devem ser resumidos os principais aspectos do texto), que prevaleceu nos Estados Unidos e foi rapidamente adotado no Brasil, nunca fez escola nas publicações mais importantes do Velho Continente. (BELO, 2006, p. 20).

Os elementos essenciais da notícia consistiam no que recebeu o nome de *lead* ou cabeça, ou seja, as seis perguntas: Que?, Quem?, Quando?, Onde?, Como? e Por quê?

A padronização do jornalismo norte-americano ficou mais rígida com a Segunda Guerra Mundial. Para Belo (2006, p. 23), “O conflito que mudou o mundo alterou também o jeito de fazer jornalismo”.

Como as transmissões por telégrafo eram caras e instáveis- não havia nenhuma garantia de que o repórter conseguiria passar todo o texto antes de uma quase inevitável queda de conexão-, estabeleceu-se que o primeiro parágrafo de cada despacho deveria conter os elementos essenciais da notícia. (BELO, 2006, p. 23).



Contudo, tanto a imprensa norte-americana como a brasileira contaram com exceções. A revista norte-americana *Life* e a brasileira *Realidade* são exemplos de publicações que traziam muito mais que o *lead* em suas páginas através da grande reportagem.

A importância essencial de *Realidade* deveu-se a valorização da reportagem como gênero a um só tempo afirmativo da atitude jornalística e permeável a incursões próximas de realização literária. Em sua fase mais gloriosa, de 1966 a 1968, *Realidade* legou uma maciça produção textual desviante do caminho da padronização. (BULHÕES, 2007, p. 143).

Mesmo que as exceções existissem, alguns jornalistas não se contentavam apenas com as páginas das revistas e dos cadernos dominicais. Por isso, jornalismo e literatura, que se distanciavam com a padronização, voltariam a se convergir na década de 1960, quando se começou a criar um *New Journalism*.

De acordo com Bulhões (2007), o *New Journalism* não se tratou de um movimento que buscou revolucionar ou até mesmo acabar com a ditadura da padronização textual, mas sim de fazer jornalismo com a atratividade do texto literário.

O *New Journalism* não foi exatamente um movimento, pois não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida por alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*, por gente como Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, até atingir a configuração de grandes narrativas com feição de romance, nas obras de Truman Capote e Norman Mailer. (BULHÕES, 2007, p.145).

Segundo Wolfe (2005), um dos pioneiros do *New Journalism*, a nova prática textual buscava inserir no jornalismo aquilo que o leitor só encontrava na literatura.

A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens. Por isso foi tão irônico quando os velhos guardiães tanto do jornalismo como da literatura começaram a atacar esse Novo Jornalismo como “impressionista”. As coisas mais importantes que se tentava em termos de técnica dependiam de uma profundidade de informação que nunca havia sido exigida do trabalho jornalístico. (WOLFE, 2005, p. 38).



Jornalismo e literatura se aproximaram novamente com o *New Journalism*, pode-se dizer que houve uma mistura dos dois gêneros: o trabalho de investigação, apuração e captação é essencialmente jornalístico, mas a riqueza estética e os recursos narrativos são da literatura. Um exemplo disso é *A Sangue Frio*, de Truman Capote. A história do assassinato de uma família rural norte-americana tornou-se uma das principais obras do *New Journalism*, mesmo que Capote não a considerasse um gênero jornalístico. De acordo com Cosson (2001, p. 18-19), “[...] Truman Capote publicou um livro intitulado *In cold blood* [A sangue frio] e declarou que, com essa obra, havia inventado uma nova forma literária: o romance de não-ficção”.

## 2. O ROMANCE-REPORTAGEM

Esse novo gênero “inventado” por Truman Capote é alvo de muitas dúvidas. Afinal, é jornalismo ou literatura? A obra de Capote teve início com uma pequena nota publicada pelo jornal *The New York Times*, em 19 de novembro de 1959, que informava a respeito do assassinato de uma família rural no interior dos Estados Unidos.

De acordo com Bulhões (2007), a partir dessa data, o escritor começou um longo trabalho de apuração que terminaria em 1966, com a publicação do livro *A Sangue Frio*.

Foram quase seis anos de trabalho árduo, em que Capote vasculhou o quanto pôde o máximo de informações, ouviu um grande número de pessoas... ele as ouvia repetidamente e o fazia sem anotar ou gravar, procurando deixar seus depoentes à vontade, leu os longos depoimentos da Justiça e teve acesso íntimo aos dois acusados, Perry Smith e Richard Hickock, tornando-se confidante de ambos durante os anos de prisão. (BULHÕES, 2007, p. 151).

Ao mesmo tempo em que a obra de Capote se consolidou como um dos livros mais importantes do *New Journalism*, ela também se tornou motivo de muitas críticas e desconfianças de escritores e jornalistas.

Do muito de tinta gasta nas discussões sobre o livro, grande parte destinou-se a uma ingrata questão permanente: o caráter de fidedignidade, de veracidade aos fatos reais; o quanto da narrativa seria confiável, o quanto haveria de invenção. Ou seja, a velha dicotomia factualidade-ficcionalidade. (BULHÕES, 2007, p. 151).

De acordo com Bulhões (2007), não só a obra de Capote foi alvo de desconfianças, mas sim tudo o que envolvia o *New Journalism*.



O motivo das críticas e das desconfianças destinadas à obra de Capote e ao Novo Jornalismo são fundamentadas nas construções textuais, em que os autores do novo estilo textual construíam cenas com caráter cinematográfico munidas de muita descrição. Essas características podem ser reconhecidas no trecho a seguir.

Depois de tomar um copo de leite e pôr um chapéu forrado de feltro, o sr. Clutter saiu com uma maçã na mão para examinar a manhã. O tempo estava ideal para o consumo de maçãs ao ar livre; a luz muito branca do sol descia do céu muito claro, e um vento leste fazia farfalhar, sem desprender dos galhos, as últimas folhas dos olmos chineses. Os outonos compensam o Kansas pelos males que as demais estações lhe impõe: os ásperos ventos de inverno vindos do Colorado e as neves acumuladas até a altura dos quadris, fatais para os carneiros; os lamaçais e os estranhos nevoeiros na primavera; e no verão, quanto até mesmo os corvos procuravam alguma sombra e a infinidade tostada de talos de trigo secava e muitas vezes ardia em chamas ao sol. Finalmente, depois de setembro, instalava-se um outro clima, um verão extemporâneo que às vezes durava até o Natal. Enquanto o sr. Clutter contemplava aquele dia, uma espécie superior da estação, veio a seu encontro um cão mestiço de collie, e os dois juntos saíram andando na direção do curral, adjacente a um dos três celeiros da propriedade. (CAPOTE, 2009, p. 30 – 31, grifo meu).

No trecho acima, Truman Capote descreve uma cena com detalhes que se iniciam no copo de leite e se estendem até os movimentos feitos pelo personagem. Ao utilizar esses recursos intrínsecos da literatura Capote, consegue inserir o leitor na narrativa como se estivesse vivendo esse momento.

Todavia, não só Capote utilizou-se desses recursos. Grande parte das obras do *New Journalism* trabalhavam com a descrição, os diálogos e as construções de cenas. A reportagem *Hiroshima* de John Hersey é um exemplo. Ao narrar a história de seis sobreviventes da explosão da bomba atômica na cidade de Hiroshima, em agosto de 1945, o autor utiliza-se de descrição cinematográfica para reconstruir o cenário de caos vivido pelos personagens.

O jovem cirurgião trabalhava sem método, tratando primeiro dos que estavam mais próximos, e logo constatou que o corredor se apinhava cada vez mais. Em meio às escoriações e aos cortes apresentados pela maioria das vítimas que se encontravam no hospital, começou a deparar-se com queimaduras pavorosas. Compreendeu então que feridos de fora chegavam sem parar. E eram tantos que ele resolveu deixar de lado os casos de menor gravidade; tudo que podia esperar fazer, pensou, era impedir que os infelizes se esvaíssem em sangue até morrer. Em pouco tempo havia pacientes deitados e agachados nas enfermarias, nos laboratórios, nos quartos e nas demais dependências, nos corredores, nas escadas, no saguão, no pátio, nos degraus do pátio, na entrada de veículos, no pátio, nas ruas vizinhas. Pessoas feridas sustentavam pessoas mutiladas; famílias desfiguradas se



mantinham juntas, seus integrantes apoiando-se uns nos outros. (HERSEY, 2009, p. 31, grifo meu).

Para Belo (2006), Hiroshima desnudou as feridas físicas e emocionais dos japoneses por meio de uma das principais características da reportagem: a humanização.

Se nos Estados Unidos o romance-reportagem consolidou-se através do *New Journalism*, no Brasil, a situação política do país foi a principal responsável pela prática do gênero entre os escritores brasileiros. Para Cosson (2001), a data inicial foi em 1970.

[...] tal relação íntima entre jornalismo e literatura não se fez gratuitamente. Para a maioria dos críticos da literatura produzida na década de 1970, o “clima” de jornal na literatura da época foi determinado, num sentido mais geral, pela ditadura militar. De fato, ainda que vigente desde 1964, a ditadura militar brasileira só viria a revelar o seu lado mais repressor na passagem da década de 1960 para a de 1970, com o bem conhecido Ato Institucional nº 5, o qual transformou definitivamente a “ditablanda” em regime de terror. (COSSON, 2001, p. 15).

O Ato Institucional nº 5 (AI 5) censurava o que deveria ser ou não publicado pela mídia. Dessa forma, os romances-reportagem tornaram-se uma das alternativas para os jornalistas que não podiam se expressar na imprensa convencional. Com eles, relatavam a realidade e a situação política do país. No entanto, não se pode negar a influência do *New Journalism* que também afetou os jornalistas brasileiros, mesmo que tardiamente.

A obra *O que é isso, companheiro?*, do escritor e jornalista Fernando Gabeira, é um dos principais romances dos “anos de chumbo” da história brasileira, que abriria um legado, tornando o jornalismo presente na literatura por muitos anos. Para Bulhões (2007, p. 169), “No enquadramento memorialista de *O que é isso, companheiro?*; a imagem de um jornalista-guerrilheiro como protagonista da ação parece avisar que a presença do jornalismo seria uma constante no caminho a seguir por aquela década e pelos anos 1980”.

No romance-reportagem, o jornalismo utiliza-se dos recursos narrativos literários para dizer nada mais do que os fatos. Dessa forma, a linguagem é literária, mas o enredo é jornalístico, pois se trata de uma reportagem.

Se o romance-reportagem é de fato um gênero nascido do discurso jornalístico misturado ao discurso literário, sua marca definidora em nível semântico é, sem dúvida, a verdade factual tomada de empréstimo à reportagem. Quem já leu um romance-reportagem não pode negar o fato de



que a moldura de sua significação está na extrema factualidade do relato. Com efeito, sabemos, quando lemos uma obra desse tipo, que a narrativa em nossas mãos é o testemunho de uma realidade efetivamente ocorrida. (COSSON, 2001, p. 33).

No romance-reportagem, a linguagem literária ocupa o centro das atenções mesmo que o conteúdo seja factual. Além dos recursos literários, uma das características desse gênero é explorar o lado psicológico e humano dos personagens, expondo ao leitor seus anseios e conflitos, mais conhecidos como fluxo de consciência. Essas características são comuns de ser encontradas em obras literárias, sejam elas da literatura estrangeira ou brasileira.

### **3. LIVRO-REPORTAGEM: a extensão do jornalismo através da literatura**

Além do romance-reportagem, o jornalismo literário possui mais um gênero que utiliza de recursos da literatura para dar fruição ao texto. Trata-se do livro-reportagem. Para Lima (2004), o livro-reportagem de maior qualidade é semelhante ao romance.

[...] o livro-reportagem de um nível superior de complexidade temática e estilística apresenta características assemelhadas ao romance. Ambos visam ao conhecimento da realidade humana, são antropocêntricos. Ambos devem construir uma fórmula estética que torne ao leitor aprazível a leitura. Ambos podem romper estruturas estabelecidas ou conformar-se com elas para cumprir, com o máximo de eficiência, a transmissão de uma mensagem dotada de fluidez. Em certos casos específicos, ambos combinam a sólida documentação factual para garantir a veracidade do real que representam com a estilística, para atingir grandes massas de consumidores de informações, realizando um importante papel de divulgação cultural que para certas camadas da população é educativo. (LIMA, 2004, p. 268 e 269).

Se no romance-reportagem os fatos são levados pela literatura, no livro-reportagem o caminho é inverso. Para Belo (2006), o caráter do livro-reportagem é restritamente jornalístico, no qual a literatura é fluida pelos fatos através da construção da narrativa.

[...] livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve de complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica- com exceção possível do documentário audiovisual em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p. 41).



Não é possível falar em livro-reportagem sem antes fazer uma abordagem sobre a reportagem em jornalismo impresso. Considerada o gênero nobre do jornalismo, a reportagem trata os fatos com profundidade, conforme explica Sousa (2001).

O principal objectivo de uma reportagem é informar com profundidade e exaustividade, contando uma história. No meio jornalístico ouve-se frequentemente a expressão “uma reportagem é uma notícia vista à lupa”. Mas, neste gênero, procura-se ainda que o leitor “viva” o acontecimento. Para o conseguir, a reportagem pode abrigar elementos da entrevista, da notícia, da crónica, dos artigos de opinião e de análise, etc. Desta perspectiva, pode considerar-se a reportagem um gênero jornalístico híbrido, que vai buscar elementos à observação directa, ao contacto com as fontes e à respectiva citação, à análise de dados quantitativos, a inquéritos, em suma, a tudo o que possa contribuir para elucidar o leitor. (SOUSA, 2001, p. 259).

Mesmo que seja um gênero jornalístico, a reportagem não tem o caráter de imediatismo da notícia. Por essa particularidade, a reportagem permite que o jornalista tenha mais tempo para apurar os fatos, e, em consequência, trazer uma cobertura mais ampla do assunto e uma riqueza estética na linguagem.

Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18).

No entanto, por mais que a reportagem ofereça recursos e prazos para a sua produção, o gênero parece estar caindo em desuso na imprensa escrita. Com o advento da Internet, os jornais impressos também estão optando por notícias mais curtas a fim de atrair o leitor que está buscando informações mais imediatas.

Diante desse contexto, o espaço dedicado à reportagem está ficando cada vez menor, muitas vezes se restringindo às revistas especializadas ou aos cadernos dominicais dos grandes jornais. Nesse sentido, o livro-reportagem, por suas características de liberdade textual, temática, editorial, acaba sendo utilizado como ponto de fuga para jornalistas interessados em dar maior desdobramento ao que foi noticiado pela imprensa diária.

Na melhor hipótese, o livro-reportagem apresenta-se como aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhes enriquecem a narrativa para um grau de informação idealmente superior ao dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização



solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo. (LIMA, 2004, p. 40).

No aprofundamento dos fatos utilizados pelo livro-reportagem, a narração exerce um papel de grande importância na construção textual. Para Sodré e Ferrari (1986, p. 11), “[...] a narrativa não é um privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa”.

No jornalismo, a narrativa é utilizada como meio para que os conteúdos dos fatos cheguem até o leitor de uma forma estruturada e compreensível; é por meio dela que as informações são transmitidas para a sociedade, ou seja, como os fatos são relatados. Tudo que é informação está inserido em uma narrativa. Para Lage (1986, p.46), “A informação é acontecimento histórico, é parte de uma narrativa”.

Em um livro-reportagem, a narrativa, além de relatar os fatos, é utilizada como um recurso para inserir o leitor do texto. É como se cada construção textual fosse uma extensão dos olhos do leitor. Para conseguir isso, o livro-reportagem conta com alguns recursos narrativos, entre eles o ponto de vista.

A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostra-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende. Em outras palavras, deve-se optar na escolha dos olhos- e de quem- que servirão como extensores da visão do leitor. (LIMA, 2004, p. 160).

Além do ponto de vista, a humanização do relato utilizada no livro-reportagem tem como objetivo colocar o ser humano em destaque na construção textual. Com esse recurso, o autor pode explorar o tema em torno dos personagens.

A humanização que se procura em jornalismo literário colocando-se as pessoas como eixo da narrativa, encontra guarida bastante apropriada no livro-reportagem. É o fator humano que me permite, enquanto autor, abordar narrativamente qualquer tema da aventura do homem na Terra. (LIMA, 2004, p. 361).

Outra característica comum em livro-reportagem é a descrição. Com ela, o leitor é inserido nos cenários, nas expressões de cada personagem. Esse elemento é quase sempre utilizado com o status de vida, a fim de colocar o leitor na narrativa por meio de



uma visão fotográfica ou cinematográfica dos lugares, diálogos e das cenas contidas na narrativa que foi construída no livro-reportagem.

Os elementos narrativos oferecidos pela reportagem em livro podem ser utilizados de diversas maneiras, e o autor pode optar pelos recursos que queira usar na construção textual. Além de variedade de construções narrativas, o livro-reportagem é classificado em diferentes tipos. Edvaldo Pereira Lima, no livro *Páginas Ampliadas*—uma das principais obras acadêmicas destinada ao estudo do livro-reportagem—, faz uma classificação do gênero em relação ao estilo textual e ao tratamento temático. Vale ressaltar que essa classificação não é definitiva. Lima (2004) classifica os livros-reportagem em:

- Livro-reportagem-perfil: trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personalidade anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse.
- Livro-reportagem-depoimento: reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada.
- Livro-reportagem-retrato: não focaliza uma figura humana, mas uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão.
- Livro-reportagem-ciência: serve ao propósito de divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico.
- Livro-reportagem-ambiente: vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas.
- Livro-reportagem-história: focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante do tempo.
- Livro-reportagem-nova consciência: focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicos e religiosos que surgem em várias partes do mundo.
- Livro-reportagem- instantâneo: trata de um fato recém- concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados.
- Livro-reportagem-atualidade: também aborda um tema atual, mas seleciona os temas dotados de maior perenidade no tempo.



- Livro-reportagem-antologia: reúne reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas pela imprensa cotidiana.
- Livro-reportagem-denúncia: tem propósito investigativo que apela para o clamor contra as injustiças.
- Livro-reportagem- ensaio: a presença da opinião do autor é muito evidenciada no texto. O principal objetivo é fazer com que o leitor compartilhe das mesmas opiniões de quem escreve.
- Livro-reportagem-viagem: apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica.

Diante dessa classificação, um livro-reportagem pode ter mais de uma dessas características, ou seja, ele pode ser Perfil, Retrato e Ensaio ao mesmo tempo. A classificação feita por Lima (2004) não impede que o autor use mais de um elemento narrativo na construção textual e aborde o tema de um único ângulo. Essa organização apresenta-se como uma forma de nortear a produção do livro e de distinguir cada elemento que o autor pode utilizar na construção do texto.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível discutir a hibridização entre jornalismo e literatura em três aspectos: o primeiro, no âmbito de liberdade de abordagem temática oferecida pelos gêneros romance-reportagem e livro-reportagem; uma segunda discussão, em torno da função da narrativa empregada nesse tipo de texto e a terceira, como uma alternativa para a crise da imprensa escrita.

Por muito tempo, o jornalismo foi utilizado por uma classe segmentada restrita a elite das grandes cidades. Com a modernização, o jornal impresso avançou para as massas e até a chegada do rádio na década de 1920, foi utilizado como o principal meio de comunicação e informação.

O *New journalism* trouxe a literatura de volta para o jornalismo de uma maneira nunca vista. Dessa vez, houve o que se pode chamar de hibridização de gêneros, ou seja, a literatura mais jornalismo, no qual o trabalho de apuração, o fato e os recursos de captação -como a entrevista, são de natureza jornalística e, a linguagem ou a narrativa e suas características, da literatura.



A tecnologia e a transformação do jornalismo em um produto, bem como um maior fluxo de consumo de informação, foram fatores que influenciaram uma nova postura da imprensa. As notícias redigidas em nariz-de-cera- formato narrativo de *lead*, ganharam face mais sucinta e objetiva. No entanto, as mudanças não se restringiram apenas na construção da notícia, mas também no que é publicado.

O jornalismo literário com os gêneros romance-reportagem e livro-reportagem podem ser entendidos como duas possíveis fugas para que jornalistas abordem com profundidade temas que são explorados com superficialidade pela imprensa cotidiana, e os que não chegaram a ter nenhum tipo de cobertura.

Por manter a característica efêmera da literatura, no jornalismo literário não é necessária a aplicação de alguns critérios de noticiabilidade como imediatismo, ineditismo e proximidade. Pode-se fazer um livro-reportagem sobre algo que já teve ou não cobertura jornalística, por exemplo.

Em suas abordagens temáticas, os jornalistas literários buscam elucidar os leitores com algo a mais, ou seja, com o que faltou na página do jornal em um contexto de causa, efeito e consequência. Em busca de um jornalismo que penetre na alma dos personagens procurando neles uma essência.

Com a Internet, o acesso à informação ficou mais fácil, uma vez que não é preciso esperar o jornal chegar o outro dia para saber o que aconteceu na noite anterior. Sites especializados em notícias disponibilizam conteúdo em questão de segundos, enquanto o jornal impresso demora, no mínimo, um dia para o fechamento.

Além da problemática de prazos, os diários trabalham com redações enxutas, nas quais, um jornalista pode ser responsável por várias pautas no mesmo dia. Esses fatores dificultam e, em muitos casos, impossibilitam o processo de aprofundamento na cobertura.

Diante disso, os jornais na maioria das vezes, trazem a reprodução de notícias que já foram publicadas na Internet, e assim, nasce a crise da imprensa escrita. Alguns jornais migraram para a versão digital, mas pouca coisa foi alterada nas edições que saem para as bancas. Ainda há boas histórias para se contar e assuntos que mereçam profundidade de cobertura.

Na busca por elucidação, o jornalista precisa aproximar o leitor. Nesse aspecto, a narrativa com características da literatura é uma forma eficaz de conseguir esse efeito,



principalmente, por meio dos recursos de humanização e descrição. Para ir até o fim do texto, é necessário encontrar algo de verossímil nele.

Atualmente, muito mais que a função de informar com profundidade, o jornalismo literário apresenta-se como mais uma alternativa para a mídia impressa. Um exemplo, pode ser através da venda de conteúdo, pois, o leitor paga para ter qualidade de apuração. Além de material amplo e aprofundado, fica mais atrativo para o consumidor um texto que o envolva na realidade por meio de uma narrativa com traços literários.

Uma vez apresentado como possível ponto de fuga para jornalistas interessados em desdobrarem fatos com maior contextualização e amplitude de cobertura, seria o jornalismo literário um dos remédios para a atual crise da imprensa escrita?

## **REFERÊNCIAS**

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAPOTE, Truman. **A Sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Imprensa Oficial, 2001.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e Jornalismo: a saga dos cães perdidos**. 2.e.d. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAGE, Nilson. **A linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1986.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão d jornalismo e da literatura**. 2.ed. São Paulo: Manole, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Porto, 2001.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.